



José Cardoso Pires

O AMIGO DO ALHEIO

O homem estava junto ao posto de gasolina, rodeado de chuva. Logo atrás ficava o Porto, perdido numa névoa parda, e os carros deslizavam na estrada num rasgar cego de cordas de água.

Parei para me abastecer e logo ele veio até mim, calmo e com dignidade, a pedir-me boleia para Lisboa. Motivo imprevisto, justificou. Tinha perdido o comboio por lamentável confusão e, mais grave ainda, necessitava de estar lá

O homem esticou o pescoço de pato para o espelho retrovisor e pôs-se a compor a gravata, citando exemplos da corrupção policial e dos guardas prisionais, autoridades que, como manda a lei, se destinam a regenerar o cidadão e não a explorar as suas adversidades. Sabia disso, afirmou, e com conhecimento de causa.

em baixo nessa mesma tarde devido a compromissos inadiáveis. Era um indivíduo alto e esguio, rosto pequeno e cabelo liso que lhe escorria pelo pescoço num perfil de cabeça de pato. Vestia uma gabardina de bom corte, camisa engomada como já não se usa e tinha um alfinete de pérola melancólica a ilustrar a gravata. “Queira desculpar o abuso”, murmurou ele quando lhe dei lugar a meu lado.

Pelo caminho falou-me do Porto, cidade um tanto especiosa na sua opinião e sem desprimor para ninguém, mas trabalhadora como nenhuma outra. Conhecia-a pela pauta e

pelas entrelinhas, era um facto. No entanto, a sua predilecção ia para as vilas nortenhas das feiras e romarias, especialmente na estação dos emigrantes em férias, quando o dinheiro e a devoção corriam às mãos largas e sem remorso. Não havia dúvida: aquele homem de pescoço de pato falava num português respeitoso com parênteses fraseados de “com sua licença” e “seja-me permitida a expressão”, discorrendo num deleite de si próprio, como bom companheiro de viagem que procura aliviar a monotonia da chuva e da distância.

Chuva que, por alturas de Coimbra, parou de repente para azar meu. Porque, cansado da companhia e do discurso, pisei a fundo o acelerador e eis que, numa curva traiçoeira, me salta ao caminho o diabo em figura de polícia de trânsito, com o olho maligno dos castigadores vorazes. Carta apreendida logo ali em nome da “dura lex” que persegue os malfadados de quatro rodas e esferográfica em punho para apontar os termos da transgressão.

Aí, o meu companheiro de circunstância, movido por um irreprimível impulso de solidariedade, saltou do carro e veio em minha defesa. Com eloquência e dramatismo, apelou à boa-vontade do senhor agente, lembrando urgências, lembrando impaciências que o mau tempo causa em cada um de nós, e o guarda, pois sim, pois sim, a preencher a contrafé com a soberania de quem está por cima das almas e das tempestades.

Mas o meu advogado é que não desistia. Enquanto o guarda anotava, e mesmo depois de ter recolhido a minha carta de condução e o bloco dos registos, continuou nas suas alegações sentimentais num entusiasmo de gestos e

de palavras, agarrando-lhe o braço para o despertar da sua inclemência (e logo repellido), aproximando-se de novo (e mais uma vez repellido), até que, neste vaivém, acabou por ser intimado a seguir viagem imediatamente, antes que a autoridade perdesse a paciência.

“É bem verdade. A polícia só ouve a voz da consciência quando lhe falam de cima ou com uma nota na mão”, desabafou o meu companheiro, assim que arrancámos dali para fora. “Perdoe-me a indiscrição, mas o senhor não é por acaso militar?”

Militar, eu? Fiz que não.

“Nem pertence à magistratura?”

Não. À magistratura também não.

Em face disto, o homem esticou o pescoço de pato para o espelho retrovisor e pôs-se a compor a gravata, a ganhar tempo ou a certificar-se do movimento da estrada atrás de nós. Fez isto por três ou quatro vezes até ao fim da viagem e, entretanto, foi citando exemplos da corrupção policial e dos guardas prisionais, autoridades que, como manda a lei, se destinam a regenerar o cidadão e não a explorar as suas adversidades. Sabia disso, afirmou, e com conhecimento de causa.

Deixei-o à entrada de Lisboa, ali para os lados dos Olivais. Chovia outra vez, mas agora de mansinho. Ao despedir-se deixou-me um molho de papéis que tirou do bolso da gabardina e vi então que me tinha vindo parar às mãos a minha carta de condução e o bloco das contrafés do guarda que me tinha autuado.

Levantei os olhos para o pára-brisas, mas o homem de pescoço de pato já ia longe. Era apenas uma sombra errante a perder-se na chuva miudinha. ●